

## O Último Lugar no Mundo: Considerações e Reconsiderações sobre Espaço e Velhice

---

**Fernanda Daniel**

Os países industrializados conhecem, desde a segunda metade do século vinte, um acentuado envelhecimento demográfico, acompanhado pelo aumento dos divórcios, a diminuição da nupcialidade e o surgimento de novos padrões de conjugalidade. Por outro lado, têm lugar uma cada vez maior mobilidade geográfica das populações e a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Estas transformações na esfera familiar e social conduzem, crescentemente, à ‘desfamiliarização’ de muitas pessoas idosas. Remi Lenoir autorou a ideia de ‘desfamiliarização’ para referir o processo de declínio das ‘bases sociais do familismo tradicional’ (Lenoir 1985: 77). Neste novo cenário, os modos de vida dos membros de uma família representados, tradicionalmente, como possíveis cuidadores, tornam-se, crescentemente, difíceis de conciliar com as necessidades de prestação de cuidados que exigem os familiares mais idosos. Face a esta relativa ruptura do modelo tradicional de família, a institucionalização toma forma, em muitos casos, como a única solução possível. O lar de idosos é representado, por muitos idosos, como ‘um mal menor’ (Bazo 1991: 162) e não, porém, como uma alternativa de vida considerada positiva, uma vez que a institucionalização é vista como um corte com uma história de vida e um afastamento real da rede de relações.

Metodologicamente, para a realização da investigação empírica, na base deste artigo, combinei observação participante com entrevistas semi-dirigidas. O objectivo da investigação é a análise das relações espaciais, em particular o significado do quarto na espacialização da identidade que o idoso desenvolve no lar de idosos onde passou a residir. Esta pesquisa, realizada entre 2003 e 2005, inclui dez lares de idosos, pertencentes a entidades não lucrativas<sup>1</sup>, distribuídos ao longo das regiões Norte, Centro e Sul de Portugal. No seu conjunto, estas dez instituições incluem 248 quartos, com a seguinte tipologia: individual, de casal, duplo, triplo e quádruplo. Neste contexto, no entanto, o quarto designa espaços físicos que apresentam características muito diferentes. Em particular, estes espaços são o resultado de adaptações, ou transformações, com o objectivo de responder às sucessivas solicitações dos residentes. A resposta a estas necessidades é, porém, desqualificada, em muitos casos.

Assim, num dos lares de idosos recobertos por esta pesquisa, vários quartos situam-se na cave que resulta de um aproveitamento de um declive acentuado do terreno. A cave é quase subterrânea, porque a única parede que poderia ser exterior confina com uma outra edificação. A única luz natural provém da fenestração no cimo da parede comum às duas edificações. Além disso, a maioria destes quartos foge ao modelo convencional de planta, ou seja, com forma quadrangular ou rectangular. Na verdade, vários quartos têm forma trapezoidal, apenas com dois lados paralelos. Por outro lado, em alguns quartos, encontramos, em vez de paredes em tijolo rebocado, divisórias incompletas a separá-los, impedindo, em particular, o recato de estar no quarto com a luz apagada, por causa do reflexo que

---

<sup>1</sup> As entidades não lucrativas compreendem uma realidade muito heterogénea, designando as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSSs). Estas são regimentadas por um estatuto especial que as define como instituições não lucrativas e privadas, constituídas com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos. Os objectivos destas entidades são o apoio a crianças e jovens, à família, à integração social e comunitária, à protecção na velhice e invalidez e na diminuição de meios de subsistência e capacidade para o trabalho. Os seus objectivos incluem ainda a promoção e protecção da saúde, educação, formação profissional e a resolução de problemas habitacionais. Esta categoria - IPSSs - engloba Associações e Fundações de Solidariedade Social; Centros Sociais e Paroquiais; Irmandades das Misericórdias; Associações Mutualistas. De igual modo, incluem-se nas entidades não lucrativas Entidades Equiparadas a IPSS, Organizações Particulares sem fins lucrativos; Entidades Públicas a nível Central e Local; a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e Serviços Sociais de Empresa (Ministério da Seguran-

vem dos outros quartos, quando os seus ocupantes têm as luzes acesas. Situações deste tipo são infracções ao despacho normativo n.º 130/84, que regulou os lares de idosos lucrativos, segundo o qual, 'todos os quartos devem ter arejamento e iluminação naturais, embora devam poder ser escurecidos, quando necessário'. Na minha opinião, embora o decreto citado já não esteja em vigor, julgo importante colocar em relevo duas situações. Primeiramente, as disposições do decreto-lei acima referido entraram no acervo adquirido pela legislação posterior. Em segundo lugar não há razão para tal decreto-lei, embora dirigido a lares com fins lucrativos, não deva ser por analogia aplicável aos lares não lucrativos.

No quadro deste estudo, 23% são quartos individuais e 9,3% quartos de casal. Quando individuais ou de casal, os quartos são territórios primários<sup>2</sup>, onde os residentes podem, em algumas das instituições observadas, personalizar e controlar o acesso, o que lhe proporciona uma capacidade de manutenção de fronteiras de identidade pessoal em relação ao 'outro'. A personalização<sup>3</sup> permite aos residentes afirmar 'sentimentos de controlo, reflectidos em experiências de competência e domínio, reforçando a identidade pessoal ao mesmo tempo que comunica valores e estilo de vida, viabilizando o estabelecimento de redes sociais' (Kinney et al 1985: 194). O tipo de quarto, a par da personalização do mesmo, pode indicar, nomeadamente, a posição hierárquica e o poder detido pelo indivíduo no passado e hoje medido, simbolicamente, no tamanho e tipologia do quarto e na quantidade e qualidade dos objectos no seu interior. Os seguintes depoi-

---

<sup>2</sup> Altman (1975) propõe a distinção entre território primário, secundário e público. Os territórios primários, nesta classificação, são de utilização exclusiva do próprio indivíduo, controlados numa base relativamente permanente e possuem um papel central na vida quotidiana do(s) seu(s) ocupante(s). Para Altman, o comportamento territorial, além de regular fronteiras pressupõe determinados mecanismos como a personalização e a defesa. Enquanto que a personalização é constante, a defesa é variável, dependendo do facto de ocorrerem ou não violações do território.

<sup>3</sup> As marcas de personalização referem elementos que permitem fornecer um carácter pessoal ao espaço e delimitar zonas próprias, servindo como indicadores de território e para manter uma distância interpessoal. 'A personalização será o resultado do comportamento territorial de um sujeito ou colectivo enquanto ocupam, defendem e experimentam um forte sentido de identificação e pertença com o espaço. [...] [Desta forma], transforma-se o espaço usando objectos ou elementos, como indicadores ou símbolos da personalidade (real ou desejada). Assim se demarca ou delimita um espaço pessoal que se usa como protecção para controlar as interacções não desejadas; o mesmo é dizer, dispor de intimidade ou privacidade' (Brower 1980 ap. Pol 1996:

mentos são conspícuos deste esforço em resistir à perda de identidade, dando um espaço, no presente, ao que restou do passado:

O que está lá dentro é tudo meu, tudo, roupas, tudo [...]. Viu as minhas fotografias? [...] Trouxe a cama e o que está dentro dos armários também, malas e tudo.

Da casa [o lar de idosos] é só a cómoda, a cama e as mesinhas de cabeceira, de resto é tudo meu, tudo meu! Tenho um colchão que já comprei aqui, de fisioterapia [...] o frigorífico é meu [...]. Tenho pena não ter mais espaço, o quarto devia ser maior, há uns maiores ainda, se não tivesse casa de banho privativa também não vinha. [...] .Não sou rica, mas gosto de ter as minhas comodidades. Vir para aqui sem quarto de banho, não vinha, preferia ter uma pessoa em casa que me ajudasse.

Além dos quartos individuais e de casal, há os quartos de ocupação dupla – duas pessoas do mesmo sexo partilham o mesmo quarto – que atinge 40,7% do total. A ocupação tripla corresponde a 23% e a quádrupla a 4%. Nestes quartos partilhados, a demarcação da individualidade é conseguida através de sinais de ocupação, nomeadamente, objectos pessoais, colocados em cima da mesa-de-cabeceira (fotografias, o rádio, imagens dos santos preferidos). Esta prática demarca propriedade e indica preferências, gostos, posições políticas, interesses religiosos. De igual modo, colocar os sapatos sempre debaixo de uma determinada cadeira ou deixar a manta em cima da cama, são alguns dos marcadores usados para sinalizar a posse, segundo Sommer (1969).

O facto de terem de partilhar o quarto e as divergências que podem resultar dessa partilha leva a que muitos dos residentes discutam entre si, queixando-se de falta de solidariedade e de invasões, reais ou imaginárias, do seu espaço próprio. A partilha imposta e a excessiva proximidade física podem determinar, em grande medida, o afastamento relacional, e o conflito (Paúl 1991). A este propósito, (Barenys 1993: 163) diz que

muitos dos idosos, e não unicamente os economicamente débeis, se vêem obrigados a conviver com estranhos em situações que a nossa cultura define como 'íntimas' [...] [com a] dificuldade de delimitar um 'território', por mínimo que seja, e de 'marcá-lo simbolicamente' dentro de um espaço comum

Os testemunhos seguintes são bastante expressivos desta situação:

Tenho lá um estúpido, só lhe dá para fumar, mas não é no quarto, que eu não deixo, pediu-me para fumar e eu disse-lhe: 'é expressamente proibido'; ofereci-lhe com a bengala, assustou-se de tal maneira!

Ela [a companheira de quarto] criticou-me muito por eu rezar, porque eu rezo. Ao pequeno-almoço vou rezar, não estou a falar na vida de ninguém, estou a falar com Deus, e ela criticou-me. Ela passa a vida na cama e eu passo a vida cá fora, ela está mais acamada, mas ainda tem hipóteses de vir cá fora, mas dá-se melhor na cama.

Eu passo as noites com tanta amargura, é toda a noite, às vezes está uma hora a tossir, a tossir [a companheira de quarto]; quando acaba a tosse, quando adormece, começa a risonar; [...]; 'se não está bem mude-se, se não estiver bem vá para a rua', é a resposta que ela me dá. Não é ela sozinha a pagar o quarto, que eu também pago, eu digo por causa da tosse, é doença, ela não tem a culpa, é ela como podia ser eu ou qualquer uma de nós [...]. Mas eu também tenho vergonha de lhe falar mal, ela é mais velha do que eu e também tem doença, quero é que Nosso Senhor não ma dê a mim, mas passo lá um martírio, só Deus e eu é que sabemos.

Ironicamente, vários dos residentes que vivem em quartos partilhados preferem, segundo o que pude averiguar, na minha pesquisa de campo, ter colegas acamados ('é uma doçura, não fala, não diz nada'), porque assim podem ampliar o seu território primário, sem necessitarem de negociar com a colega, através, nomeadamente, da ocupação completa de uma cómoda ('isto é tudo meu, como eu tenho muita roupa, o senhor Doutor [o gestor da instituição] autorizou, agora é tudo meu, esta camarata<sup>4</sup> é uma das melhores').

Por outro lado, nos lares de idosos que constituem o objecto desta análise, os residentes são maioritariamente mulheres. Na realidade, as diferenças na longevidade, entre homens e mulheres, são uma característica principal do envelhecimento demográfico, na época actual, conduzindo a uma feminização da velhice, em quase todos os

---

<sup>4</sup> Terminologia que provém do tempo em que os quartos tinham uma ocupação quádrupla e quántupla.

<sup>5</sup> A geração apelidada por Michel Cicurel (1989) de inoxidável é constituída pelos que nasceram a seguir à Segunda Guerra Mundial.

lugares do mundo, somado a um baixo rendimento económico e baixos recursos educativos das mulheres. No entanto, a transformação nas características da velhice e não apenas o aumento do número de idosos é uma dimensão fundamental deste problema. Desta forma, é previsível que a 'geração inoxidável'<sup>5</sup> que se aproxima produzirá velhos muito diferentes dos actuais, com maior escolaridade e com maior capacidade reivindicativa e exigências de padrões de qualidade. Em Portugal, concretamente, esta transformação terá um efeito marcado sobre a re-qualificação dos lares de idosos, em comparação com as graves deficiências actualmente. Algumas destas mudanças podem ser sistematizadas da maneira seguinte.

### ***Novos Modelos de Planeamento dos Lares de Idosos, Potencializando a Criação de Territórios Primários***

No caso das instituições que servem de referência empírica para esta análise, 67,7% dos residentes precisam partilhar o quarto com alguém que lhe era, até então, inteiramente desconhecido ou que, na melhor das hipóteses, conhecia de forma superficial. Esta partilha do espaço primário reflecte-se, normalmente, de forma negativa, do duplo ponto de vista, físico ou material e simbólico ou emocional. Por isso, as atitudes defensivas e os comportamentos de conflito (Paúl 1991).

Apesar de as Instituições Particulares de Solidariedade Social não estarem sob a autoridade do Despacho Normativo n.º 12/98<sup>6</sup> que regulamenta os estabelecimentos congéneres lucrativos, as entidades ou IPSSs, na base desta investigação, não cumpriam as determinações normativas, no que respeita, entre outros, às áreas dos quartos. Segundo aquele diploma (Ficha 7), a área dos quartos:

---

<sup>6</sup> Em 2006, o Despacho Normativo n.º 30 revogou dois requisitos técnicos definidos no Despacho Normativo n.º 12/98, de 13 de Janeiro, a saber, a capacidade máxima dos estabelecimentos e tipologia dos respectivos quartos, nos seguintes termos:

- a) A capacidade máxima dos estabelecimentos correspondentes a estruturas residenciais é, em regra, de 120, tendo em conta a adequação e organização das áreas funcionais.
- b) A capacidade dos quartos é de uma ou duas camas, sendo que, pelo menos, 25% dos mesmos devem corresponder a quartos individuais.

- 1 - Deve constituir uma zona de acesso restrito.
- 2 - Os quartos são agrupados por núcleos de 10 unidades, no máximo.
  - 2.1 - Cada unidade dispõe de uma sala de estar com uma pequena copa, para uso dos utilizadores, e também de uma rouparia comum (roupa de cama, atalhados, etc.).
  - 2.2 - Os quartos são individuais, duplos ou de casal.
  - 2.3 - O Lar deve incluir 50% de quartos individuais.
  - 2.4 - Todos os quartos devem permitir o acesso e a circulação em cadeira de rodas.
  - 2.5 - Nos quartos duplos e de casal, um dos utilizadores deve ter acessibilidade total.
  - 2.6 - Áreas úteis mínimas dos quartos, sala de estar e rouparia:
    - a) Quarto individual - 10 m<sup>2</sup>;
    - b) Quarto de casal - 15 m<sup>2</sup>;
    - c) Quarto duplo - 16 m<sup>2</sup>;
    - d) Sala de estar com copa - 12 m<sup>2</sup>, devendo ser considerados 2 m<sup>2</sup> por pessoa;
    - e) Rouparia - 3 m<sup>2</sup>.
- 3 - Instalações sanitárias dos quartos.
  - 3.1 - Todos os quartos têm instalação sanitária própria, com acesso privado.
  - 3.2 - As instalações sanitárias devem ser totalmente acessíveis e permitir a circulação interior em cadeira de rodas.
  - 3.3 - O equipamento a instalar será de sanita, bidé, lavatório apoiado sobre poleias e duche no pavimento.

Na área destinada ao duche no pavimento (1,5 m 1,5 m) deve ser instalado um sistema que permita tanto o posicionamento como o rebatimento de um banco para o banho de ajuda. Este tipo de instalação sanitária permite o banho ajudado, caso seja necessário.

Nas instituições em que desenvolvi a investigação, muitos dos conflitos estão relacionadas com invasões do território. A questão importante é que se os quartos reflectirem, ao nível da tipologia, as necessidades dos residentes e se as práticas organizativas potencializarem o controlo do espaço por quem o habita – detendo o residente um papel deliberativo sobre a utilização do seu próprio quarto – a adaptação será facilitada e as expectativas positivas e os sentimentos de auto-estima e eficácia serão incrementados.

### ***Novas Práticas Organizativas que Estimulem a Personalização dos Quartos***

*[O]s quartos/apartamentos deveriam contar com objectos pessoais, fotografias, etc., que personalizassem o indivíduo que o ocupa, independentemente do grau de deterioração cognitiva que tenha. Os que apresentam um grau de deterioração leve, porque lhes permite recordações e o reconhecimento do seu espaço; os que apresentam um grau de deterioração grave ou severo, porque cria um certo clima de 'casa própria' que, se o não é em grande medida para ele, é-o para a sua família, que o visita (Campos, 1995 ap. IMSERSO: 132).*

A reconstrução do espaço nas instituições de idosos, a partir da vontade dos próprios residentes, é um dos indicadores das necessidades de território individual, nestes contextos, na medida em que um ambiente personalizado tem efeitos psicológicos, morais e afectivos (Pol 1996). Na maioria das instituições, onde fiz a minha pesquisa, os quartos, porém, denunciavam uma falta de preocupação com a personalização, por parte das instituições. Colchas e almofadas iguais para todos, nomeadamente, demonstram um tratamento massificado que, pretendendo manifestar uma suposta preocupação igualitária, acaba, na verdade, por colectivizar e despersonalizar as pessoas. A minha persuasão é que a perda do espaço individual é um dos factores fundamentais que incide negativamente no processo de institucionalização como experiência de desenraizamento, perda de identidade pessoal e privacidade, constituindo uma expressão particularmente marcada do que Erwin Goffman (1992: 24) designa a 'mortificação' do Eu.

### ***Intervenção sobre o Ambiente Físico***

As pessoas idosas são particularmente vulneráveis à configuração do espaço físico, em particular por apresentarem, com frequência, perdas sensoriais e problemas de mobilidade. Um ambiente inadequado agrava estas situações, no estado de saúde e no estatuto emocional. O que está em causa, do ponto de vista transformativo, é a qualidade do ambiente físico dos lares de idosos, através do aumento do nível de actividades, os contactos sociais e o bem-estar (Carp 1987; Fernández-Ballesteros 2000; Moos e Lemke 1994). Iniciativas neste sentido seriam a instalação obrigatória de elevadores e rampas, me-

lhor adaptando a instituição aos residentes que sofrem de limitações ao nível da mobilidade, podem, em particular, diminuir o grau de dependência e necessidades de assistência por parte de terceiros.

Em síntese, o lar de idosos deve ser pensado como um lugar de vida e não como um espaço liminar fora da vida. A questão é garantir as condições de possibilidade para o indivíduo construir o seu próprio espaço e o reconhecimento de si próprio e dos outros. Em vez de o quarto que o idoso ocupa num lar de idosos ser o último lugar no mundo, a sua última possibilidade de garantir as condições de auto-preservação da identidade, o lugar do idoso, numa instituição, deve manifestar a continuidade da vida e a experiência insubstituível da vida de cada um.

## REFERÊNCIAS

### Livros e Artigos

Altman, Irwin

1975 *The Environment and Social Behaviour. Privacy, Personal Space, Territories.* Crowding. Monterey. Califórnia: Brooks/Cole.

Barenys, Maria Pia

1993 'Un Marco Teórico para el Estudio de las Instituciones de Ancianos'. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas* 64. pp.155-72

Bazo, Maria Teresa

1991 'Institucionalización de Personas Ancianas: Un Reto Sociológico'. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas* 53. pp.149-64

Cicurel, Michel

1989 *La Génération Inoxydable.* Paris: Grasset

Carp, Frances

1987 'Environment and aging'. In *Handbook of Environmental Psychology.* Editado por Daniel Stokols e Irwin Altman. Nova Iorque: John Wiley. pp.329-60.

Fernández-Ballesteros, Rocío (ed.)

2000 *Gerontología Social.* Madrid: Ediciones Pirámide.

Goffman, Erving

1992 [1961] *Manicômios, Prisões e Conventos.* São Paulo: Editora

- Perspectiva.
- IMERSO (Instituto de Migraciones y Servicios Sociales)  
2000 *Personas Mayores y Residencias: Un Modelo Prospectivo para Evaluar las Residencias*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales
- Kinney, Jennifer; Stephens, Mary; Mcneer, Ann; Murphy, Michael  
1985 'Personalization of Private Spaces in Congregate Housing for Older People'. In *Environmental Change/Social Change*. Editado por S. Klein; R. Werner; S. Lehmann. Washington DC: EDRA. pp.194-200.
- Lenoir, Rémi  
1985 'L'Éffondrement des Bases Sociales du Familialisme'. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 26-27. pp.57-82
- Ministério da Segurança Social, da Família e da Criança  
2003 *Carta Social: Rede de Serviços e Equipamentos*. DGEEP-Direcção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento.
- Moos, Rudolph ; Lemke, Sonne  
1994 *Physical and Architectural Features: Group Residences for Older Adults*. Oxford e Nova Iorque : Oxford University Press.
- Paúl, Maria Constança  
1991 'Percurso pela Velhice. Uma Perspectiva Ecológica em Psicogerontologia'. Dissertação de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Pol, Enric  
1996 'La Apropiación del Espacio'. In *Cognición, Representación y Apropiación del Espacio*. Editado por Iñiguez e Enric Pol. pp. 45-62
- Sommer, Robert  
1969 *Personal Space: The Behavioral Basis of Design*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.

*Diários da República*

Ministério do Trabalho e da Solidariedade. Despacho Normativo n.º  
130/84, I Série, n.º 170, 24-7-1984: 2256-2259.

Ministério do Trabalho e da Solidariedade. Despacho Normativo n.º  
12/98, I Série-B, n.º 47, 25-2-1998: 766-774.

Ministério do Trabalho e da Solidariedade. Despacho Normativo n.º  
30/2006, I Série-B, n.º 88, 8-5-2006: 3259.

**O Último Lugar no Mundo: Considerações e Reconsiderações sobre Espaço e Velhice**

**The Last Place in the World: Considerations and Reconsiderations on Space and Old Age**

***Sumário***

***Summary***

As transformações na estrutura demográfica e na ordem familiar, e o facto de a velhice já não ser considerada um assunto exclusivo da família, enfatizam a importância, na sociedade de hoje, do problema da institucionalização dos idosos. Os lares de idosos constituem uma particular relação entre espaço, velhice e identidade. A vida num lar implica uma actividade persistente de construção do espaço e de afirmação da identidade através do espaço. O quarto é uma dimensão fundamental desta actividade, simultaneamente material e simbólica, sobretudo o modo como o idoso cria cenografia e marcas de identidade, para afirmar, com esta apropriação do espaço, um lugar seu no mundo.

The transformations in the demographical structure and the family order, and the fact that old age is no longer considered an issue exclusively related to family, emphasize the importance, in today's society, of the problem of the institutionalization of elderly people. Homes for the elderly constitute a particular relation between space, old age and identity. Life in a Home implies a persistent activity of construction of space and affirmation of identity through space. The bedroom is a fundamental dimension of that activity, simultaneously material and symbolic, especially in the way the elderly person creates scenography and identity marks, to affirm, with that appropriation of space, one's own place in the world.